

A Gripe Espanhola em Goiás

Eliézer Cardoso de Oliveira

Introdução:

Aparecendo em 1918, durante a I Guerra Mundial, a Gripe Espanhola matou mais do que qualquer outra epidemia do século XX e, talvez, de qualquer outro século. As análises conservadoras estimam em 20 milhões as vítimas fatais; as mais ousadas chegam ao assustador número de 100 milhões de mortos. A Gripe chegou ao Brasil em setembro de 1918. No mês seguinte, ela já havia se espalhado por praticamente todo o território nacional, atingindo, inclusive, as remotas aldeias indígenas da Floresta Amazônica, matando em torno de 300 mil pessoas. Além da frieza dos números, ela causou grande comoção ao provocar a morte do presidente eleito Rodrigues Alves e inúmeros transtornos com a suspensão de alguns serviços públicos, tais como o funcionamento do Congresso Nacional e a das aulas.

Em Goiás, as primeiras notícias sobre a Gripe Espanhola apareceram no final de outubro de 1918. A epidemia não atingiu as proporções mórbidas verificadas nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo¹. No entanto, nem por isso a história da Gripe em Espanhola é menos digna de ser contada em Goiás. Pelo contrário, o estudo da epidemia ajuda a compreender melhor muito de seus aspectos sócio-históricos na segunda década do século XX.

Uma situação crítica

O estudo das epidemias demonstrou ser bastante frutífero nas mãos dos historiadores. Ele possibilita esclarecer inúmeros aspectos sociais: medicina popular e erudita, mentalidades, preconceitos, autoritarismo, religiosidade, cotidiano, etc. No entanto, essa abertura analítica só é possível pelo fato das epidemias serem situações extraordinárias, servindo, assim, para analisar como uma determinada sociedade lida com situações imprevistas. Um conceito que ajuda compreender melhor os momentos de epidemia é de situação crítica formulado por Anthony Giddens:

Circunstância de disjunção radical do tipo imprevisível, que afeta uma quantidade substancial de indivíduos, situações que ameaçam ou destroem as certezas de rotinas institucionalizadas².

O pioneiro em fazer uma análise sistemática das situações fora da rotina de uma determinada sociedade foi Émile Durkheim³ a partir do conceito de anomia, o enfraquecimento ou ausência de normas sociais. Inspirando-se nele, Roberto K. Merton⁴ estabeleceu uma verdadeira teoria geral da anomia. Talvez seja exagerado utilizar o conceito de anomia de Durkheim e de Merton para analisar a situação vivenciada pelos habitantes das diversas atitudes goianas durante a epidemia da Gripe Espanhola. É melhor ficar com o conceito de situação crítica de Giddens.

A rotina é confortante porque é uma forma de garantir a previsibilidade. Por isso situações de epidemia são acompanhadas quase sempre pelo pânico coletivo. Em Goiás o relativo isolamento, conseqüência das precariedades dos meios de comunicação com as outras regiões, explica, de certa forma, a existência do pequeno número de epidemias ocorridas durante a sua história. Surtos epidêmicos de varíola pontuaram os séculos XVIII, XIX e XX. Apesar de não muito freqüente, pode-se afirmar que a varíola era a epidemia mais temida em Goiás, pelo menos é essa a impressão de quem lê os relatórios dos governadores do século XIX. O temor da varíola é explicável pelo sofrimento que acarretava nas vítimas que, quando não morriam, ficavam com cicatrizes indistigáveis.

Se a varíola representava o extremo máximo do medo de doenças, a gripe representava o mínimo. Era bastante freqüente, não deixava marcas no corpo e raramente provocava uma grande mortalidade, a não ser para algumas tribos indígenas, como os de Nova Beira, na Ilha do Bananal que

ao serem levados para outro aldeamento, cujo clima inóspito, frio e doentio lhes favoreceram o contato com a gripe para a qual não possuíam resistência orgânica. Oitenta pessoas restaram de mil oitocentos que compunham a tribo⁵.

No entanto a Gripe Espanhola não era apenas um surto anual de gripe como outro qualquer. Era uma gripe muito mais contagiosa e muito mais letal. De acordo com Kolata seus sintomas eram:

Você começava sentindo uma forte dor de cabeça. Seus olhos começavam a arder. Vinham calafrios e você ia para a cama, enrolado em cobertores. Mas não havia manta nem cobertor que conseguisse aquecê-lo. Você adormecia sem repousar, delirando e tendo pesadelos à medida que a febre aumentava. E quando você começava a despertar, entrando num estado de semiconsciência, seus músculos doíam e sua cabeça latejava e de alguma maneira ficava sabendo que, embora seu corpo gritasse 'não' você caminhava para a morte⁶.

Adicione ao sofrimento descrito acima o aspecto do doente – rosto arroxeadado escuro, tosse de sangue, pés pretos e uma sensação angustiante de falta de ar –, será fácil entender o medo suscitado pela Gripe Espanhola.

O Jornal *Correio Oficial* diante da eminência da invasão da espanhola, publicou no dia 19 de outubro de 1918 uma notícia de certa forma reconfortante para os habitantes da Capital:

Felizmente para nós a capital do estado dispõe dos recursos precisos, medicamentos e médicos para combater a invasão da pandemia. O resto do estado, porém, não está prevenido como sôe acontecer sempre, sendo de se aconselhar particularmente a todos a melhor provisão de drogas applicaveis. Em último caso ahi está nossa flora medicinal abundante para nos remediar de uma penuria certa⁷.

No entanto, o otimismo durou pouco. Uma semana depois, o mesmo jornal resignado dizia sobre a Gripe Espanhola: *infelizmente sua carreira vertiginosa não poderá ser interdicta pela sciência medica, dados os caracteres especiaes da molestia⁸*. De fato, o redator tinha razão. O Inspetor de Higiene da Capital, o médico Alipio Alpino da Silva, montou um posto de observação nas proximidades da cidade de Goiás para impedir que

pessoas infectadas pela gripe dirigissem a cidade. Além de seus esforços terem sido inúteis, ele foi acometido pela doença, falecendo alguns meses depois de complicações da Gripe⁹.

A Gripe Espanhola, em novembro de 1918, já alterava a rotina dos habitantes da cidade de Goiás. Sobre o Dia de Finados, o *Correio Oficial* comentou:

É de praxe a visita aos cemitérios nesta data. Mas a anormalidade do estado sanitário não permite que ella se realise, este anno, como prudente medida profhilaxica¹⁰.

É comum nas situações críticas suprimir ou simplificar alguns detalhes rituais. Em Goiânia, no finados de 1987 grande parte da população deixou de visitar um cemitério pela *simples presença* dos corpos das vítimas do acidente radioativo [com o Césio-137] enterrados¹¹...

Não se sabe ao certo o número de pessoas mortas pela Gripe Espanhola em Goiás, mas existem indícios de que o número de vítimas foi maior do que o comumente é aceito¹². O padre redentorista José Francisco Wand, por exemplo, escreveu em sua crônica sobre os índios do Norte do Estado:

Na Epidemia de Gripe em 1918 morreram milhares deles; atacados pela febre alta, muitíssimos, em procura de alívio, lançam-se nas águas frias do rio e lá encontram morte instantânea. Também os índios domesticados, que se acham reunidos em aldeias não escaparam a esta fatalidade¹³.

O relato do padre pode ajudar a esclarecer o desaparecimento abrupto de algumas etnias indígenas no século XX, como os avás-canoeiro. Mais objetivo, um telegrama¹⁴ do juiz de direito de Ipameri, de 28 de novembro de 1918, relata 40 casos fatais. Um número proporcionalmente alto, pois o número total de mortos em todo o segundo semestre do ano de 1918 na cidade foi de 56, segundo relatório do mesmo juiz¹⁵. Em fevereiro de 1919 o *Correio Oficial*¹⁶ dizia que o número de mortos decorrente da Espanhola até essa data tinha sido de 80. Numa especulação ousada, é possível que o número de vítimas fatais da Espanhola em Goiás não tenha sido inferior a 1% do número total da população (mais ou menos 500 mil habitantes na época): uma proporção próxima a média nacional.

Mesmo que não tenha havido em Goiás o congestionamento dos serviços funerários como nas cidades de São Paulo e no Rio de Janeiro, a morte por influenza talvez tenha até impressionado mais a população do que naqueles lugares. É que as pequenas localidades goianas são caracterizadas pelo que Simmel chama de “conhecibilidade mútua¹⁷”. Assim morte de pessoas conhecidas, das quais se sabiam o nome e a história, chocava muito mais do que as de pessoas desconhecidas das grandes cidades.

Além do mais a raridade cria valor. Oscar Leal observou que:

Em Perynopolis os óbitos são raros, e tanto assim, que durante a minha estada alli, sucedendo darem-se três fallecimento no prazo de uma semana, o povo chegou a commentar o facto, apoderando de pânico e terror¹⁸.

A média semanal de mortes foi maior e mais constante pelo menos em Ipameri e na Cidade de Goiás no tempo da Gripe Espanhola do que a verificada pelo viajante português em Pirenópolis na década de 1890. Além do número é preciso considerar também o impacto psicológico dos rituais católicos relacionados ao sepultamento. Péricles Xavier Rebello constatou que no início do século XX em Santa Luzia (hoje Luziânia):

Quando faleciam adultos, os sinos maiores badalavam grave; os sinos menores badalavam agudo, significando o falecimento de uma criança. Comumente o toque de morte ficava impregnado na alma das pessoas, o que lhe traziam o sentimento de pesar¹⁹.

Em muitos lugares, os toques de sinos anunciando a morte podiam ser ouvidos até uma distância de 6 quilômetros. Quando os sinos dobravam anunciando o morte pela “Espanhola”, ou por outra epidemia, o efeito era maior, pois

As doenças infecciosas têm um aspecto ainda mais perturbador: às vezes contraímos da doença de outra pessoa. Isso pode transformar o medo da doença em medo do outro. Na reação a esse medo, os seres humanos têm sido incrivelmente corajosos e cruéis²⁰.

Na cidade de Goiás, na época da Espanhola foram paralisados os expedientes das repartições públicas²¹ e as aulas da escola²². Para socorrer os municípios atingindo pela

doença, o Governo Estadual abriu um crédito de até 50 contos de reis²³. Na cidade de Ipameri, a ajuda chegou um pouco atrasada, ocasionando um fato raro nas relações entre o contribuinte e o Fisco no Brasil. Como não havia dinheiro em caixa, os contribuintes anteciparam o pagamento de imposto referente ao ano de 1919 para que a quantia fosse utilizada pela Comissão de Socorro aos Necessitados de Ypameri para atender as vítimas da gripe²⁴.

Na cidade de Goiás, segundo o *Correio Oficial*, as principais medidas do poder público relacionadas com a gripe foram:

Além de fornecimento de medicamentos e alimentação a classe pobre e de outras medidas postas em práticas, foi criado um posto no collegio das Irmãs Dominicanas de socorro às crianças desvalidas²⁵.

A oposição, representada pelo jornal *O Goyaz*, denunciou que a população pobre não conseguia encontrar remédios gratuitos. O *Correio Oficial* rebateu, argumentando que se tratava de má-fé ou despeito²⁶. Sem condições de avaliar objetivamente o debate, cabe ao historiador apenas observá-lo, embora no seu íntimo fique a sensação de que, em casos como esses, quase sempre, a oposição tem razão...

De qualquer modo, pouco se podia fazer eficazmente diante da Gripe Espanhola. Da mesma forma misteriosa e imprevista que ela apareceu, gradativamente começou a desaparecer sem deixar vestígios. No mês de fevereiro de 1919, o *Correio Oficial* pôde finalmente dizer: *A Gripe tem declinado bastante entre nós, sendo já resumidos os casos havidos entre nós²⁷.*

Conclusão

Enfim, foi analisado nas linhas anteriores como um evento imprevisto abala a rotina de pequenas comunidades relativamente isoladas. No caso da Epidemia de Gripe Espanhola em Goiás, apesar do esforço de alguns poucos pesquisadores, ainda tem-se mais dúvidas do que certezas, muitas perguntas e poucas respostas.

Sabe-se de efetivo que as relações sociais foram afetadas pela Gripe. Numa sociedade em que as relações de vizinhança eram primordiais, a suspensão ou diminuição dos contatos provocou a intensificação da angústia vivida naqueles tempos difíceis. A epidemia sobrecarregou os serviços públicos relacionados à saúde e transtornou os outros pelo desfalque de funcionários. O badalar mórbido dos sinos deixava os acamados mais apreensivos.

No entanto, nenhuma sociedade é capaz de viver fora do rotina o tempo todo. Talvez se possa pensar numa rotinização dos comportamentos, de forma parecida com que Weber analisou a rotinização do carisma²⁸. Do mesmo modo em que os seguidores do profeta, mais cedo ou mais tarde, vão ter que cuidar dos seus interesses materiais e exigir regras estabilizadas; as pessoas atormentadas pela situação de catástrofes vão retornar às suas, antigas ou novas, rotinas. De modo geral, os humanos seguem o conselho dado pelos funcionários ao transtornado rei D. José diante da Lisboa destruída pelo terremoto de 1755: “enterrar os mortos e cuidar dos vivos”²⁹. No entanto, a lembrança dos mortos, principalmente dos entes queridos, e do sofrimento sempre fica na memória dos sobreviventes. Para eles o badalar dos sinos nunca vai ser o mesmo.

¹ Sobre a análise da gripe nessas duas cidades ver, respectivamente: GOULART, Adriana da Costa. *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*. Niterói, Dissertação (Mestrado em História), UFF, 2003 e BERTOLLI FILHO, Claudio. *A Gripe Espanhola em São Paulo, 1918*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

² GIDDENS, Anthony. *Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 70-1.

³ Principalmente no seguinte livro: DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

⁴ In MERTON, Robert. K. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

⁵ SALLES, Gilka V. F. de. *Economia e Escravidão na Capitania de Goiás*. Goiânia: UFG, 1992, p. 225.

⁶ KOLATA, Gina. *Gripe: a história da pandemia de 1918*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 14.

⁷ Correio Oficial, Cidade de Goiás, 19 de outubro de 1918. Instituto de Pesquisa Histórica Brasil Central (a partir de agora IHPBC). Microfilme

⁸ Correio Oficial, Cidade de Goiás, 26 de outubro de 1918. IPHBC, microfilme.

⁹ Estas informações foram retiradas de BUENO, Jerônimo Carvalho. *História da Medicina em Goiás*. Goiânia: Edição do autor, 1979, p. 56.

¹⁰ Correio Oficial, Cidade de Goiás, 2 de novembro de 1918. IPHBC, microfilme.

¹¹ O Popular, Goiânia, 31 de Outubro de 1977. Arquivo do autor.

¹² Gilka Vasconcelos Salles (SALLES, Gilka V. de. “Saúde e doença em Goiás – 1826 – 1930”. In. FREITAS, Lena C. B. F. de. *Saúde e doenças em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1999. P. 63 a 128) diz que o baixo número pode estar relacionado à imprecisão do diagnóstico, não associando a mortalidade por pneumonia, doenças gastro-intestinais, reumatismo com a Gripe Espanhola. Já em GODINHO, Iúri R. *Médicos e medicina em Goiás*. Goiânia: Contato Comunicação, 2004. P. 37 diz que “Em Goiás a gripe espanhola não foi a ceifadora de vidas de outros estado. Matou 24 pessoas e houve 347 atendimentos, sendo 300 carentes.” O número é muito baixo e não condiz com os registros oficiais.

-
- ¹³ WAND, José Francisco. *Costume e riquezas de Goiás*. Aparecida, SP, 1987. P. 93. Datilografado.
- ¹⁴ In. *Correio Oficial*, Cidade de Goiás, 30 de novembro de 1918. IPHBC, microfilme.
- ¹⁵ Mapa Estatístico Civil da Comarca de Ypameri no ano de 1918. Arquivo Histórico Estadual (a partir de agora AHE). Ipameri. Cx. 01, doc. Manuscrito.
- ¹⁶ *Correio Oficial*, Cidade de Goiás, 8 de fevereiro de 1918. IPHBC, Microfilme.
- ¹⁷ SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In. GUILHERME VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1967, p. 13 a 28.
- ¹⁸ LEAL, Oscar. *Viagens as terras goyanas*. Goiânia: UFG, 1980. P. 81.
- ¹⁹ REBELLO, Péricles Xavier. *Usos e costumes do Estado de Goiás (1900 – 1980)*. Goiânia: edição do autor, 1987. P. 128.
- ²⁰ FARREL, Jeannet. *A assustadora história das epidemias*. São Paulo: Ediouro, 2003. P. 21.
- ²¹ Um decreto do Presidente do Estado em 18 de janeiro de 1919 abonou as faltas dos funcionários públicos durante a epidemia de Gripe Espanhola. In. *Correio Oficial*, Cidade de Goiás, 1º de fevereiro de 1919. IPHBC, microfilme.
- ²² Um projeto Federal aprovou todos os alunos matriculados nas escolas.
- ²³ Decreto 5948 de 18 de novembro de 1918.
- ²⁴ Intendência Municipal de Ypameri. Decreto n. 158, de 18 de novembro de 1918. AHE. Ipameri, CX. 01
- ²⁵ *Correio Oficial*, Cidade de Goiás, 25 de janeiro de 1919. IPHBC, microfilme.
- ²⁶ *Correio Oficial*, Cidade de Goiás, 15 de fevereiro de 1919. IPHBC, microfilme.
- ²⁷ *Correio Oficial*, Cidade de Goiás, 8 de fevereiro de 1919. IPHBC, microfilme.
- ²⁸ O conceito de carisma em Weber, seja na Sociologia da Religião ou na Sociologia da Dominação, é uma forma de analisar as relações sociais fora da rotina. A rotinização corresponde o retorno à rotina. Sua origem está principalmente no desejo dos discípulos do líder carismático em “transformar o carisma e a felicidade carismática de uma agraciação livre, única, externamente transitória de épocas e pessoas extraordinárias em uma propriedade permanente da vida cotidiana.” In. WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora da UNB, 1999. Vol. 2. P. 332.
- ²⁹ DEL PRIORE, Mary. *O mal sobre a terra*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003, p. 145.